

# Novo álbum do U2, 'Days of Ash', apesar da carga política, só tem uma música boa

Banda fica presa em protestos comportados, que se perdem em jogos de palavras, em primeiro trabalho inédito após nove anos e que fala de Gaza e Guerra da Ucrânia



A banda irlandesa U2 no estádio do Morumbi, em São Paulo Lucas Lima - 19.out.2017/Folhapress

## MÚSICA Days of Ash

★★★★★

Artista: U2. Gravadora: Island.  
Disponível nas plataformas digitais

Thales de Menezes

Quem já foi messias nunca deixa de carregar esse fardo. Nas duas últimas décadas do século passado, o U2 criou um rock politizado tão amplamente aceito que credenciou a banda a tentar se tornar a maior do planeta.

Nunca conseguiu atingir essa condição, mas, apesar da produção recente de discos genéricos, manteve a aura de ativismo, sempre se posicionando diante do xadrez geopolítico global. Assim, estava causando estranheza o silêncio do U2 diante de um mundo em desalento com Donald Trump, Ucrânia, Gaza e outras desgraças.

Chega então "Days of Ash", um EP com seis faixas inéditas no qual o U2 parece querer apagar a fase de inércia com canções explicitamente políticas. O lançamento enlouquece milhões de

fãs, mas quem deixar de lado a alegria pelo retorno para escutar o EP com um mínimo de senso crítico pode acabar concordando —o disquinho tem apenas uma música boa, "The Tears of Things". É pouca coisa para a quase maior banda do planeta.

O conjunto de canções traz uma certa "rebeldia burocrática", dois conceitos que não funcionam bem juntos. Citando em várias faixas personagens reais como os soldados ucranianos enfrentando a invasão russa, os palestinos massacrados em Gaza e mártires na opressão feminina em lugares como Sudão e Irã, a banda fica presa na panfletagem cantada sobre músicas comportadas. E onde foi parar o rock?

Na teoria, a carga roqueira deveria vir forte na faixa de abertura, "American Obituary", cuja pretensa vocação para hino contra Trump se perde em jogos de palavras de Bono. "Eu amo você mais do que o ódio ama a guerra" é de um nível ginásiano. Falando sobre a morte da americana Renée Nicole Good, assassinada no

mês passado, em Minneapolis, pelo ICE de Trump, a canção é clichê e segue uma irritante cartilha de hits do ao vivo em grandes arenas que o U2 ajudou a criar.

O lançamento do EP se dá com seis videoclipes "lyric video", que exibem na tela a transcrição dos versos enquanto são cantados. A banda nunca aparece, então quem vê é martelado por imagens conceituais. E o visual pode até piorar as coisas. No caso de "American Obituary", é constrangedor mostrar uma pomba branca presa em uma gaiola. O público da banda merece mais do que uma simbologia barata.

Exceção no EP, "The Tears of Things" parte de uma ideia original e sabe desenvolvê-la de um jeito esperto. A letra é narrada por David de Michelangelo. A famosa estátua do início do século 16 se define como um menino extraído de um bloco de mármore que fica amedrontado diante do mundo. A única música do pacote que poderia estar em um bom álbum da banda sem fazer feio.

"Song of the Future" e "One

**O conjunto de canções traz certa 'rebeldia burocrática', dois conceitos que não funcionam bem juntos. Citando em várias faixas personagens reais como Renée Nicole Good, morta pelo ICE, os soldados ucranianos diante da invasão russa, os palestinos massacrados na Faixa de Gaza e mártires na opressão feminina em lugares como Sudão e Irã, a banda fica presa na panfletagem cantada em músicas um tanto comportadas. E, então, onde é que foi parar o rock?**

Life at a Time" são dois rocks frouxos, típicos da fase mais recente da banda. Já "Wildpeace" é fora da curva —uma curta faixa de "spoken word". A letra é um poema do israelense Yehuda Amichai, lido pela nigeriana Adeola. Belos versos, numa pausa das guitarras no EP. Para fechar o disco, uma música de apelo pop e emocional. "Your Eternally" fala de soldados separados das famílias na guerra da Ucrânia, com boa parte do vocal a cargo de Taras Topolia, cantor da banda ucraniana Antytila. E tem mais um convidado na faixa: Ed Sheeran, para escancarar a vontade de fazer um som pop.

As canções do EP fazem uma bagunça na proposta musical. O que une todas é a panfletagem política. Bono já deu entrevistas dizendo que o próximo álbum do grupo, talvez para o final do ano, será muito diferente, musicalmente falando. Fica assim a sensação de que o U2 lançou "Days of Ash" para justificar a fama de ativismo da banda que andava um pouco na geladeira.